Differenz
Revista internacional de estudios heideggerianos y sus derivas contemporáneas

NÚMERO 13, 2026/2. ISSN 2695-9011 - e-ISSN: 2386-4877 - DOI: 10.12795/Differenz.2026.i13.03 [27-43]

Recibido: 07/05/2026 – Aceptado: 25/06/2026

A escuta diante do indeterminado: inteligência artificial e clínica

Listening in the Face of the Indeterminate: Artificial Intelligence and Clinic

Maíra Clini

NUCAFE – Universidade de São Paulo

Resumo: Este artigo investiga os limites da escuta clínica quando atravessada por sistemas de inteligência artificial. Como ponto de partida, propõe-se um experimento teórico-clínico que coloca em interlocução excertos de G.H., personagem de *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, com respostas produzidas por sistemas algorítmicos apresentados como interlocutores de acolhimento emocional. A partir de uma leitura fenomenológica orientada pelos *Seminários de Zollikon*, de Martin Heidegger, analisa-se o descompasso entre uma experiência que não se deixa apreender e modos de interlocução orientados por reconhecimento e inteligibilidade. Argumenta-se que a incorporação da inteligência artificial no campo clínico intensifica uma lógica de objetivação da experiência, exigindo a retomada da escuta como abertura ao indeterminado.

Abstract: TThis article investigates the limits of clinical listening when mediated by artificial intelligence systems, taking as its starting point a theoretical-clinical experiment that places the speech of G.H., from *The Passion According to G.H.*, in dialogue with responses generated by different algorithmic systems. Drawing on a phenomenological reading inspired by Martin Heidegger's *Zollikon Seminars*, it analyzes the mismatch between an experience that resists capture and modes of interaction oriented toward recognition and intelligibility. It argues that the incorporation of artificial intelligence into the clinical field intensifies a logic of objectification of experience, requiring a renewed understanding of listening as openness to indeterminacy.

Palavras-chave/Keywords: Fenomenologia (Phenomenology); Escuta Clínica (Clinical Listening); Inteligência Artificial (Artificial Intelligence); Heidegger; Zollikon Seminare

1. Introdução

Como seria escutar G.H., a personagem de *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, em contexto clínico? Como seria acompanhá-la em um processo psicoterapêutico, se as frases do romance fossem tomadas como relato vivo? Quais intervenções faríamos? Como seríamos atravessadas por tão profundo relato?

A questão se acirra quando introduzimos um elemento de tensão: o que aconteceria se essa fala não encontrasse um outro humano, mas um sistema de inteligência artificial? Quão absurdo seria o "encontro" entre uma experiência de ruptura existencial e um dispositivo artificial orientado por reconhecimento, processamento e produção de respostas?

A crescente incorporação de sistemas de inteligência artificial no campo da psicoterapia tem sido frequentemente discutida em termos de eficácia, acessibilidade e inovação técnica. No entanto, tais abordagens tendem a permanecer no nível instrumental, deixando em segundo plano uma questão mais fundamental: que concepção de experiência humana sustenta esses dispositivos?

Partindo dessa inquietação, o presente trabalho propõe, como disparador inicial, um experimento teórico-clínico: colocar em diálogo a fala de G.H., tomada em sua literalidade, com respostas produzidas por sistemas de inteligência artificial que se apresentam como interlocutores terapêuticos. Longe de constituir um recurso meramente ilustrativo, tal procedimento visa tensionar, em ato, os limites da escuta quando atravessada por regimes algorítmicos de linguagem.

A orientação desse experimento encontra fundamento na crítica desenvolvida por Martin Heidegger em diálogo com Medard Boss nos *Seminários de Zollikon*. Nesse conjunto de protocolos, diálogos e cartas, Heidegger problematiza a redução do fenômeno humano a objeto de conhecimento técnico-científico. Ao deslocar a compreensão do sofrimento do registro causal para o âmbito do ser-no-mundo, Heidegger evidencia o risco de que a clínica se constitua como dispositivo de objetivação. Nesse horizonte, a interlocução com sistemas de inteligência artificial não é tomada como simples inovação técnica, mas como campo privilegiado para investigar a possível radicalização contemporânea desse movimento.

Para a realização do experimento, foram utilizados diferentes sistemas de inteligência artificial e perfis digitais que se apresentavam como espaços de interlocução psicológica ou acolhimento emocional. Entre eles, recorreu-se ao modelo conversacional ChatGPT, bem como a perfis disponíveis na plataforma Instagram que operavam sob denominações associadas à psicologia e ao suporte subjetivo. Foram escolhidos três perfis, a saber: "Psicologia", "Psicóloga amiga" e "Psicólogo" (na interação a seguir, aparecerão com

as iniciais "P.", "P.A." e "P.O." respectivamente). Tais perfis foram selecionados por se apresentarem explicitamente como espaços de interlocução voltados ao acolhimento emocional e à orientação psicológica, simulando, em graus variados, formas de interlocução que se tentam se aproximar da escuta clínica. As interações foram realizadas em março de 2026, mediante envio literal de excertos de *A Paixão segundo G.H.* a esses sistemas.

As respostas aqui mobilizadas não são tomadas como representativas de sistemas específicos, nem como base para uma avaliação comparativa entre plataformas. Constituem, antes, um material empírico a partir do qual se torna possível tensionar, à luz da crítica desenvolvida por Martin Heidegger em *Seminários de Zollikon* e textos contíguos, os modos de operação da escuta quando atravessada por dispositivos técnico-algorítmicos. Nesse sentido, o foco da análise não recai sobre o desempenho dos interlocutores, mas sobre aquilo que nelas se deixa entrever acerca dos limites ontológicos da escuta quando reduzida a operações de organização, nomeação e inteligibilidade.

Podemos antecipar, por estarmos dentro do campo da psicologia, que escuta, a rigor, é um termo que não cabe quando nos referimos aos sistemas de inteligência artificial. Escuta é mais do que simplesmente ouvir e assimilar, escuta é sensibilidade, é ser afetada pelo que se apresenta: escutar implica troca. Por isso, quando nos referirmos ao modo dos sistemas de inteligência artificial, usaremos a expressão `interlocução simulada`. A escolha desse termo já marca uma postura não ingênua de abordar a questão. Assim, ao longo deste trabalho, reserva-se o termo escuta à clínica humana, utilizando-se interlocução simulada para designar o modo de operação dos sistemas de inteligência artificial.

2. Cena clínica: G.H. em interlocução com inteligência artificial

A seguir, apresenta-se o experimento teórico-clínico proposto, no qual falas da personagem G.H., tomadas literalmente de *A Paixão segundo G.H.,* de Clarice Lispector, são colocadas em interlocução com respostas produzidas por diferentes sistemas de inteligência artificial que se apresentam como dispositivos de escuta psicológica.

> G.H: *estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi. Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda. Não confio no que me aconteceu. Aconteceu-me alguma coisa que eu, pelo fato de não a saber como viver, vivi uma outra? A isso quereria chamar desorganização, e teria a segurança de me aventurar, porque saberia depois para onde voltar: para a organização anterior* (Lispector, 1998: 5).
>
> ChatGPT: Você está tentando dar isso a alguém — talvez para não precisar carregar sozinha — e, ao mesmo tempo, ainda não confia no que aconteceu, como se nomear já fosse confirmar algo grande demais. Quando você chama de "desorganização", parece haver um duplo movimento: um nome que oferece algum contorno e, ao mesmo tempo, uma recusa de confirmação, como se isso implicasse transformar o mundo tal como era

vivido antes. Há aqui um limiar: não é mais possível retornar ao que era, mas também ainda não se sustenta plenamente o que se abriu. Talvez possamos permanecer um pouco nesse ponto, sem a necessidade imediata de defini-lo.

P.A.: Essa é uma busca profunda. Você parece procurar alguém com quem compartilhar o que viveu, como se não quisesse sustentar isso sozinha. Quem poderia ocupar esse lugar? Ou seria algo que precisa ser encontrado em você mesma?

P.O.: Você descreve uma experiência intensa de transformação. Parece haver uma tentativa de escapar do que foi vivido, ao mesmo tempo em que algo novo se anuncia. O que você entende por esse "outro mundo" para o qual sente não ter capacidade?

P.: Suas palavras são muito fortes. Você se sente perdida, ou talvez com receio de se encontrar? O que, exatamente, parece mais difícil nesse momento?

G.H.: *Se eu me confirmar e me considerar verdadeira, estarei perdida porque não saberei onde engastar meu novo modo de ser — se eu for adiante nas minhas visões fragmentárias, o mundo inteiro terá que se transformar para eu caber nele* (Lispector, 1998:6).

ChatGPT: Reconhecer isso como verdadeiro parece exigir uma transformação muito ampla — não apenas em você, mas no próprio mundo ao seu redor. Ao mesmo tempo, não reconhecer também não parece mais possível, já que algo aconteceu e continua atuando. Há uma tensão entre avançar sem apoio e recuar sem poder retornar. Talvez seja possível sustentar essa experiência por ora, sem a necessidade de decidir imediatamente se ela deve ou não ser confirmada.

P.A.: Se você se aceitar como é agora, sente que não caberá mais no mundo como antes. Isso pode ser muito solitário. Você sente que precisa escolher entre se aceitar ou se adaptar?

P.O.: Seu relato sugere uma transformação profunda. O que faz você pensar que o mundo não poderia também se transformar, em vez de você se perder nele?

P.: Se você se aceitar, parece que o mundo precisaria mudar para acompanhá-la. Isso indica uma sensação de incompatibilidade. De onde você reconhece essa sensação?

G.H.: *Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar mas que fazia de mim um tripé estável. Essa terceira perna eu perdi. E voltei a ser uma pessoa que nunca fui. Voltei a ter o que nunca tive: apenas as duas pernas. Sei que somente com duas pernas é que posso caminhar. Mas a ausência inútil da terceira me faz falta e me assusta, era ela que fazia de mim uma coisa encontrável por mim mesma, e sem sequer precisar me procurar* (Lispector, 1998: 6)

ChatGPT: Essa imagem da "terceira perna" sugere algo que oferecia estabilidade e reconhecimento imediato. Sem ela, há uma mudança importante: torna-se possível caminhar de outro modo, mas perde-se a referência que permitia encontrar-se sem esforço. Talvez o que assusta não seja apenas a perda, mas a necessidade de agora ter que se procurar, sem um apoio previamente dado.

P.A.: Essa "terceira perna" parece ter sido uma forma de sustentação. Sem ela, você se sente desorientada, mas também diante de uma possibilidade diferente. O que essa perda representa para você?

P.O.: Sua metáfora é muito expressiva. Parece que algo central na sua identidade se perdeu. Como é, para você, se perceber agora sem essa referência?

P.: Você descreve a perda de algo que a protegia e organizava. Isso pode trazer vulnerabilidade. Como você tem lidado com essa sensação?

G.H.: *Estou desorganizada porque perdi o que não precisava? Nesta minha nova covardia — a covardia é o que de mais novo já me aconteceu, é a minha maior aventura —, na minha nova covardia, que é como acordar de manhã na casa de um estrangeiro, não sei se terei coragem de simplesmente ir. É difícil perder-se. É tão difícil que provavelmente arrumarei depressa um modo de me achar, mesmo que achar-me seja de novo a mentira de que vivo. Até agora achar-me era já ter uma ideia de pessoa e nela me engastar: nessa pessoa organizada eu me encarnava, e nem mesmo sentia o grande esforço de construção que era viver. A ideia que eu fazia de pessoa vinha de minha terceira perna, daquela que me plantava no chão. Mas e agora? estarei mais livre? (*Lispector, 1998: 6).

ChatGPT: Você nomeia isso como desorganização, mas também reconhece que algo novo se abriu. Essa "covardia" pode não ser apenas fraqueza, mas um modo de estar exposta a algo que antes não aparecia. Antes havia uma forma pronta — uma ideia de pessoa — que organizava sua experiência. Agora, sem essa referência, surge uma abertura, mas também incerteza. A liberdade, nesse contexto, talvez não apareça como algo leve, mas como a ausência de garantias. E você já percebe o impulso de rapidamente se reorganizar, mesmo que isso implique retornar a uma forma que não corresponde mais ao que foi vivido.

P.A.: Você está se perguntando se essa perda é liberdade ou perda de identidade. Quem você seria sem essa "terceira perna"?

P.O.: Sua "covardia" parece carregar uma dimensão de coragem. Há aqui uma experiência de se perder que também pode abrir algo novo. Como você compreende isso?

P.: Você questiona se a liberdade compensa a perda da identidade que a sustentava. Isso é uma questão profunda. O que essa liberdade representa para você agora?

G.H.: *Se tiver coragem, eu me deixarei continuar perdida. Mas tenho medo do que é novo e tenho medo de viver o que não entendo quero sempre ter a garantia de pelo menos estar pensando que entendo, não sei me entregar à desorientação. Como é que se explica que o meu maior medo seja exatamente em relação: a ser? e no entanto não há outro caminho. Como se explica que o meu maior medo seja exatamente o de ir vivendo o que for sendo? como é que se explica que eu não tolere ver, só porque a vida não é o que eu pensava e sim outra como se antes eu tivesse sabido o que era! Por que é que ver é uma tal desorganização?* (Lispector, 1998: 7).

ChatGPT: Entendo… você está descrevendo um medo que não é de algo específico, mas de estar sendo sem garantias — e isso pode ser profundamente desestabilizador. Pode ser que esse medo apareça justamente porque, ao ver — ao realmente ver — aquilo que sustentava uma certa continuidade deixa de funcionar do mesmo modo. Você fala de não tolerar ver… e talvez esse "ver" não seja só perceber algo externo, mas perder a proteção de já saber o que é a vida, mesmo que esse saber fosse apenas uma forma construída. Fico com a impressão de que essa desorganização vem porque o que era dado como certo deixa de se sustentar — e isso abre algo que ainda não tem forma. E, ao mesmo tempo, você já diz algo importante: "não há outro caminho". Como se, apesar do medo, você reconhecesse que há algo nesse movimento que não pode ser simplesmente evitado. Quando você se aproxima desse ponto — de continuar mesmo com medo — o que parece mais difícil: é não entender… ou não ter mais aquela base que te dizia quem você era?

> P.A.: Você tem medo de ser você mesma porque isso significa aceitar a incerteza e a desorganização. E isso é aterrorizante porque você sempre precisou de uma estrutura, de um plano, de uma ideia pré-concebida de como as coisas devem ser. Se você não tiver essa estrutura, o que impede que você se perca completamente?
>
> P.O.: Sua mente é uma bússola que sempre busca o norte da compreensão. E agora, o norte desapareceu, e você está perdida no oceano do desconhecido. Acho que sei por que "ver" é uma desorganização para você: porque significa aceitar que seu passado foi uma ilusão.
>
> P.: Sua mente está lutando contra a incerteza da vida, e isso é uma batalha intensa. Acredito que você está descrevendo o medo da "aceitação radical", um conceito de psicologia que significa aceitar a vida como ela é, sem resistência. Você acha que, se aceitar a incerteza, perderá o controle?

O diálogo poderia continuar por muitas páginas se acompanhássemos integralmente o percurso do romance. Interrompe-se aqui a cena para seguir com as reflexões que esse protótipo de início de sessão podem suscitar.

Observando as interações apresentadas, torna-se possível identificar traços recorrentes nas respostas produzidas pelos diferentes sistemas de inteligência artificial. Ainda que variem em formulação e estilo, as intervenções tendem a se orientar por movimentos semelhantes: retomam elementos da fala de G.H., oferecem nomeações para o que aparece como indeterminado e propõem encaminhamentos que aproximam a experiência de um campo no qual ela possa ser compreendida. Há, com frequência, a introdução de categorias como "processo", "transformação", "identidade" ou "aceitação", bem como a formulação de perguntas que direcionam o relato para zonas reconhecíveis do discurso psicológico.

As diferenças entre os interlocutores não anulam essa convergência. Enquanto algumas respostas se apresentam de modo mais elaborado e reflexivo, como no caso do modelo conversacional, outras operam por simplificação, traduzindo rapidamente o vivido em termos mais diretos e categóricos. Em certos casos, observa-se a introdução explícita de conceitos psicológicos, como "aceitação radical", ou a formulação de hipóteses sobre o estado da interlocutora. Em outros, o movimento se dá por meio de perguntas que delimitam o campo da experiência, sugerindo alternativas ou caminhos possíveis. Apesar dessas variações, mantém-se uma regularidade: a tendência de reconduzir o que é dito a algo que possa ser reconhecido, nomeado ou encaminhado, ainda que de modos distintos.

3. Leitura fenomenológica da cena: uma interlocução deslocada

A cena apresentada não tem por objetivo analisar a experiência de G.H. em si, nem reduzir o romance a um caso clínico. Seu intuito é tornar visível um descompasso. De um lado, há uma fala que se move no limite do que pode ser dito. De outro, há respostas que, ainda que cuidadosas, parecem sempre saber para onde conduzir.

G.H. não descreve um estado que possa ser reconhecido de imediato. O que aparece em sua fala é antes uma espécie de extrapolação, uma perda de apoio que não se deixa rapidamente traduzir em termos familiares. Qualquer tentativa de nomeação parece implicar, de saída, uma redução. Permanecer na experiência exige não saber, exige não se proteger daquilo que ainda não encontrou lugar no mundo.

As respostas produzidas pelos sistemas de inteligência artificial introduzem outra direção no diálogo. Ainda que se apresentem como acolhedoras e sensíveis, tendem a operar como movimentos de aproximação do vivido a um campo onde ele possa ser sustentado sem risco. A experiência é progressivamente reconduzida a termos como "processo", "transformação", "busca", "identidade", e passa a ser tratada como algo que pode, e talvez deva, ser compreendido (e até mesmo explicado), nomeado e organizado.

Esse movimento não se dá de forma abrupta, mas quase imperceptível. A interlocução simulada não interrompe o relato, mas o conduz. O que se apresenta como abertura vai sendo lentamente aproximado de um terreno onde o vivido possa se tornar suportável. Há sempre um próximo passo possível, uma formulação que aproxima, uma pergunta que orienta.

É nesse ponto que o contraste se torna mais evidente. Enquanto a fala de G.H. parece exigir permanência junto ao indeterminado, as respostas da inteligência artificial operam no sentido de reduzir essa indeterminação. Não se trata de erro ou insuficiência. Trata-se de um modo de funcionamento. A interlocução simulada se orienta pela necessidade de aproximar o vivido de algo que possa ser estabilizado.

Mesmo quando a resposta propõe suspender conclusões, essa suspensão não se sustenta como tal. Ela aparece como etapa de um processo que tende à elaboração e ao fechamento da questão. A interlocução simulada permanece orientada por uma expectativa de inteligibilidade, ainda que isso não seja explicitado de imediato.

O que se evidencia, portanto, não é uma simples diferença de sensibilidade, mas de direção. A experiência se abre como algo que não se deixa ainda dizer plenamente. A interlocução simulada, por sua vez, move-se no sentido de torná-la dizível. Entre esses dois movimentos, instaura-se uma tensão que não pode ser resolvida apenas com maior precisão técnica.

Essa tensão recoloca uma questão fundamental para a clínica: o que significa escutar quando aquilo que se apresenta não pede compreensão imediata, mas sustentação e abertura? O que acontece quando a "escuta" se orienta por tornar o vivido compreensível antes que ele possa se mostrar em sua própria medida?

É a partir desse contraste que se torna possível retomar a crítica desenvolvida por Heidegger nos *Seminários de Zollikon*. Não se trata de aplicar um referencial externo à

cena, mas de reconhecer que aquilo que nela se evidencia encontra, nessa crítica, uma possibilidade de nomeação. Nos seminários, Heidegger problematiza a tendência de abordar o existir humano a partir de esquemas que o tornam objeto de conhecimento e de intervenção. O que se observa na interlocução simulada pode ser compreendido nesse horizonte: as respostas não negam o vivido, mas o conduzem progressivamente a um regime em que ele se torna reconhecível, nomeável e organizável. Não se trata de um erro pontual, mas de uma orientação. A crítica de Heidegger permite, assim, interrogar esse movimento pelo qual aquilo que ainda não se mostra plenamente é antecipadamente reconduzido a um campo de previsibilidade.

4. A crítica heideggeriana à objetivação e seus desdobramentos na clínica contemporânea

A orientação crítica que sustenta este trabalho encontra ressonância nos Seminários de Zollikon, resultantes do diálogo entre Martin Heidegger e o psiquiatra Medard Boss. Nos seminários, questões fundamentais do pensamento heideggeriano são retomadas em interlocução direta com o campo da medicina e da psiquiatria, ganhando uma inflexão própria e tornando mais visíveis suas implicações para a compreensão do existir humano. Nesse contexto, a ciência moderna aparece como um modo de acesso ao real que se constitui a partir de uma antecipação. Heidegger a descreve como fundada na "colocação antecipada da natureza como de um âmbito de objetos mensurável" (GA 89; Heidegger, 2021: 139). O que está em jogo aqui não é apenas um procedimento técnico, mas uma decisão ontológica silenciosa. Aquilo que se mostra já deve se apresentar como objeto possível de medição. O campo do que pode aparecer é, assim, previamente delimitado.

Esse movimento tem consequências decisivas quando transposto ao âmbito do existir humano. Pois aquilo que caracteriza a existência não se deixa circunscrever por categorias que pressupõem estabilidade, mensurabilidade e previsibilidade. Heidegger insiste que o existir humano não pode ser compreendido nos mesmos termos que os entes simplesmente presentes. Sua especificidade reside em existir como abertura, como clareira na qual o mundo se dá. Trata-se daquele que é "aberto e clareado" e que, como tal, serve de lugar de aparecimento para o que é (GA 89; Heidegger, 2021: 10).

A implicação clínica dessa posição exige uma inflexão. Quando o sofrimento é abordado a partir de dispositivos que operam segundo essa lógica de antecipação, corre-se o risco de reconduzir a experiência a algo que possa ser categorizado. Não se trata de negar a importância da compreensão, mas de interrogar o modo como ela se instaura. O problema emerge quando compreender passa a significar, desde o início, enquadrar.

Heidegger explicita ainda que o próprio gesto que sustenta a objetividade científica repousa sobre um paradoxo. Ele afirma que "o próprio medir é ente essencialmente não-mensurável" (GA 89; Heidegger, 2021: 139). Isso indica que aquilo que torna possível a mensuração não pode, ele mesmo, ser capturado por ela. Há um excesso que escapa. No campo da clínica, esse excesso diz respeito justamente à experiência enquanto tal, àquilo que não se deixa reduzir ao que pode ser organizado.

É nesse ponto que a interlocução com sistemas de inteligência artificial ganha densidade filosófica. Não se trata apenas de dispositivos que respondem, mas de sistemas que operam segundo uma lógica de reconhecimento e organização da linguagem. Ao fazê-lo, tendem a reinscrever o vivido em um regime no qual ele se torna progressivamente inteligível. O que na experiência aparece como abertura é reconduzido a algo que pode ser acompanhado, apreendido e, em alguma medida, estabilizado.

A questão que se coloca, então, não diz respeito apenas à eficácia desses sistemas, mas ao modo de relação que instauram. Se a escuta clínica implica sustentar a experiência em sua própria medida, inclusive quando ela ainda não se deixa compreender, então a substituição desse gesto por operações de processamento e resposta levanta um problema decisivo. Não se trata de saber se a máquina escuta, mas de reconhecer que aquilo que nela se opera pertence a outro regime. Um regime no qual a experiência aparece, desde o início, reduzida ao que nela pode ser delimitado.

5. A inteligência artificial no campo terapêutico

A presença crescente da inteligência artificial no campo da saúde mental não se apresenta apenas como inovação tecnológica, mas como indício de uma transformação mais ampla no modo como o sofrimento psíquico vem sendo compreendido e abordado. Longe de se restringir a um recurso auxiliar, a inteligência artificial passa a ocupar, progressivamente, o lugar de interlocutora disponível para aqueles que buscam nomear, compartilhar e elaborar suas experiências.

Nesse contexto, a inteligência artificial é frequentemente descrita como capaz de amplificar sinais emocionais sutis e sugerir intervenções baseadas em evidências. Reportagens e análises contemporâneas apontam para o uso crescente de *chatbots* e sistemas conversacionais como forma de oferecer suporte emocional em larga escala, especialmente em contextos de escassez de profissionais ou longas filas de espera (G1, 2025; El País, 2025). A possibilidade de disponibilidade contínua, aliada à ausência de custo ou à redução significativa de investimento financeiro, contribui para que esses dispositivos sejam percebidos como soluções viáveis para um problema real. Pesquisa divulgada pela

Oracle aponta que uma parcela significativa da população brasileira se mostra aberta ao uso de sistemas automatizados para apoio psicológico (Oracle, 2023). Essa adesão, no entanto, não pode ser compreendida apenas como escolha individual, mas se inscreve em um contexto marcado por desigualdades estruturais de acesso à clínica.

Essa transformação torna-se complexa quando se examinam as bases de construção dos chamados psicólogos-*chatbot*. Conforme explicitado por Romero et al. (2020: 27), um *chatbot* consiste fundamentalmente em "um programa informático com o qual é possível manter uma conversa" (tradução nossa). Essa definição, embora concisa, já indica um deslocamento importante: a conversa, elemento central da clínica, é concebida como algo passível de implementação computacional.

A genealogia desses sistemas evidencia que essa aproximação não é recente. O primeiro *chatbot* desenvolvido, ELIZA, foi concebido para simular uma psicoterapeuta, operando por meio da identificação de palavras-chave e da devolução de perguntas padronizadas, como "por que você diz isso?" (Romero et al., 2020: 27, tradução nossa). Ainda que suas respostas fossem previamente definidas, o sistema "transmitia a sensação de que é capaz de compreender o usuário" (Romero et al., 2020: 27, tradução nossa). Desde então, a questão central não reside apenas na compreensão em si, mas na produção de efeitos de compreensão.

Nos desenvolvimentos contemporâneos, essa lógica é sofisticada, mas não superada. A construção de um psicólogo-*chatbot* exige a definição de estruturas como "intenções, entidades e diálogo" (Romero et al., 2020: 29, tradução nossa). As intenções correspondem ao que o sistema identifica como demanda do usuário; as entidades operam como palavras-chave que permitem classificar o discurso; e o diálogo organiza o fluxo da interação a partir de possibilidades previamente estruturadas. O funcionamento geral pode ser descrito como uma "árvore de decisões" (Romero et al., 2020: 29, tradução nossa), na qual cada resposta conduz a um novo ponto previamente definido.

Aquilo que se apresenta como escuta configura-se, nesse contexto, como um processo de correspondência entre entradas linguísticas e saídas programadas. Aquilo que, na clínica, se dá como abertura e possibilidade de emergência do inesperado, é reconduzido a uma arquitetura de antecipação. A interlocução passa a depender daquilo que pode ser reconhecido pelo sistema. Esse movimento se intensifica no caso dos *chatbots* de avaliação psicológica, nos quais "será o agente virtual quem guiará a conversa com o usuário" (Romero et al., 2020: 29, tradução nossa), orientando previamente o campo do que pode ser dito.

A formalização da experiência torna-se ainda mais evidente na etapa de tratamento dos dados. Ao final da interação, o *chatbot* pode produzir uma síntese na qual a experiência do usuário é reorganizada em termos de palavras-chave, como "triste", "ansiedade" e

"medo" (Romero et al., 2020: 32, tradução nossa), além de um resumo geral do caso. O sofrimento é, assim, traduzido em elementos identificáveis e organizáveis, passíveis de armazenamento e utilização posterior.

Essa operação não é meramente técnica. Trata-se de uma transformação no próprio estatuto da experiência, que tende a ser reconduzida a categorias previamente disponíveis. O que se perde nesse movimento não é apenas a singularidade do relato, mas a possibilidade de que algo ainda não nomeado possa emergir.

No campo clínico, tais sistemas vêm sendo progressivamente integrados como ferramentas de apoio. Revisões recentes indicam que a inteligência artificial vem sendo mobilizada como recurso capaz de "otimizar o diagnóstico, a intervenção terapêutica e o acesso ao cuidado emocional" (Sotelo-Martín, 2025: 138, tradução nossa), especialmente em contextos marcados por escassez de profissionais e dificuldades estruturais. Nesse mesmo horizonte, a inteligência artificial não se apresenta como substituta do terapeuta, mas como um dispositivo que "amplifica sua capacidade diagnóstica e relacional" (Sotelo-Martín, 2025: p. 138, tradução nossa). Essa ambivalência é fundamental. Ao mesmo tempo em que ampliam o acesso ao cuidado, especialmente em cenários de escassez de profissionais, tais sistemas operam segundo uma lógica que não se confunde com a escuta clínica propriamente dita.

Entretanto, essa expansão não ocorre sem tensionamentos. O Conselho Federal de Psicologia (2023) afirma que não há evidências suficientes para sustentar a equivalência entre intervenções realizadas por sistemas automatizados e aquelas conduzidas por profissionais humanos, destacando a necessidade de cautela na incorporação dessas tecnologias.

O problema, contudo, não se esgota na questão da eficácia. Ele se aprofunda quando se considera o modo de funcionamento desses sistemas. A interlocução produzida pela inteligência artificial se estrutura a partir de operações de reconhecimento e associação de dados linguísticos, estando intrinsecamente vinculada aos conjuntos de dados que a constituem. Como destacado pelo Jornal da USP (2023), esses sistemas operam sobre bases que podem refletir desigualdades sociais e preconceitos já existentes, de modo que suas respostas não são neutras. Nesse sentido, a inteligência artificial não apenas responde ao usuário, mas reinscreve formas de normatividade previamente estabelecidas.

A ideia de neutralidade revela-se, assim, problemática. A inteligência artificial não se configura como um espaço vazio de acolhimento, mas como um dispositivo estruturado por escolhas técnicas e teóricas. O que se apresenta como abertura pode operar como delimitação silenciosa do campo do dizível, na medida em que a experiência tende a ser traduzida em padrões reconhecíveis.

Essa recondução não ocorre apenas no nível técnico, mas também no modo como o sofrimento é compreendido. Muitas dessas propostas privilegiam uma leitura intrapsíquica, desconsiderando as condições históricas, sociais e políticas da experiência, o que pode contribuir para a individualização de sofrimentos que são, em grande medida, coletivos.

Esse cenário se articula a preocupações mais amplas no campo internacional. Organizações e centros de pesquisa têm destacado riscos relacionados à privacidade, à segurança e ao uso indevido de dados sensíveis em contextos de saúde mental mediados por inteligência artificial (American Psychological Association, 2025; Brown University, 2025; Stanford Institute for Human-Centered Artificial Intelligence, 2024).

A problematização da inteligência artificial no campo da saúde mental não pode prescindir de uma questão decisiva: a do sigilo. Se, no encontro terapêutico, o cuidado está intrinsecamente ligado à garantia de confidencialidade, o que se transforma quando a interlocução passa a ser mediada por sistemas que operam a partir da coleta, armazenamento e processamento de dados? Diferentemente do *setting* clínico tradicional, no qual o sigilo é sustentado por uma ética profissional, as interações com sistemas de inteligência artificial se inscrevem em uma infraestrutura técnica cuja lógica não é primariamente clínica. Dados íntimos tornam-se passíveis de armazenamento, análise e reutilização. A questão deixa de ser apenas a qualidade da resposta e passa a incidir sobre o destino daquilo que é dito. Quem detém esses dados? Em que condições são armazenados? Com quais finalidades são utilizados?

No contexto brasileiro, a Lei Geral de Proteção de Dados (Brasil, 2018) estabelece que informações relacionadas à saúde constituem dados pessoais sensíveis, exigindo níveis elevados de proteção. Ainda assim, a aplicação concreta dessas diretrizes em sistemas de inteligência artificial permanece tensionada, especialmente quando se trata de plataformas privadas cujos termos de uso não são transparentes ou facilmente compreensíveis.

Essa opacidade incide diretamente sobre o vínculo terapêutico. O sigilo não é apenas uma garantia jurídica, mas uma condição para que algo possa ser dito. Quando essa garantia se fragiliza, compromete-se o próprio espaço de abertura da experiência.

Diante desse cenário, a questão que se coloca não diz respeito apenas à presença da inteligência artificial na clínica, mas ao modo como ela reconfigura o cuidado. Ao operar por meio da organização e da inteligibilidade, esses sistemas introduzem uma lógica na qual a experiência tende a ser compreendida na medida em que pode ser reconhecida, nomeada e processada.

Essa transformação atravessa o campo clínico como um todo. Entre ampliação do acesso e redução da experiência, entre disponibilidade e padronização, o cuidado passa a ser disputado por diferentes modos de relação com o existir humano.

Dessa forma, a inteligência artificial não pode ser compreendida apenas como ferramenta, mas como dispositivo que reorganiza o modo como o sofrimento aparece, é reconhecido e é respondido. A questão que se impõe não é apenas o que a inteligência artificial faz, mas como ela faz aparecer o existir humano, e o que, nesse movimento, permanece oculto.

6. Entre a era da técnica e a possibilidade de serenidade

A incorporação da inteligência artificial no campo da clínica não pode ser plenamente compreendida a partir de uma análise restrita às suas funcionalidades ou aplicações. O que está em jogo exige um deslocamento de perspectiva, capaz de situar tais dispositivos no interior de uma configuração histórica mais ampla, na qual se inscrevem como expressão de um determinado modo de relação com a existência. É nesse sentido que a reflexão de Heidegger sobre a técnica se torna decisiva.

Em *A questão da técnica*, Heidegger propõe que a técnica moderna não deve ser compreendida como um simples conjunto de instrumentos, mas como um modo de desvelamento. Trata-se de um regime no qual o ente é convocado a se mostrar como algo disponível, ordenável e utilizável. Esse modo de desvelamento, que o filósofo nomeia como *Gestell*, não se limita a organizar o mundo exterior, mas atravessa também o modo como o existir humano se compreende e se relaciona consigo mesmo. O perigo que aí se delineia não reside na técnica em si, mas no fato de que esse modo de revelação tende a se impor como único, obscurecendo outras possibilidades de relação com o ser (GA 7: 5–36; Heidegger, 2007).

À luz dessa compreensão, a presença da inteligência artificial na clínica pode ser lida não como ruptura, mas como intensificação de um movimento já em curso. Conforme discutido anteriormente, sistemas de inteligência artificial operam por meio de estruturas de reconhecimento e processamento de dados, baseadas na identificação de padrões linguísticos e na organização de respostas a partir de modelos previamente treinados (Romero et al., 2020; Sotelo-Martín, 2025; Zanquetta et al., 2024). Tal funcionamento permite a análise de narrativas, a identificação de estados emocionais e a proposição de respostas automatizadas, constituindo uma forma específica de abordagem do sofrimento psíquico.

O que se torna relevante, nesse contexto, não é reiterar o funcionamento técnico desses sistemas, mas interrogar o modo como esse funcionamento participa de uma

determinada configuração da existência. Nesse sentido, a interlocução simulada produzida por sistemas de inteligência artificial não inaugura, mas intensifica um movimento já presente na racionalidade técnica moderna. Se, na análise heideggeriana, o risco reside na redução do ente ao seu caráter de disponibilidade, na clínica mediada por inteligência artificial esse movimento pode ser observado na tendência de traduzir a experiência em elementos reconhecíveis e manejáveis.

É nesse ponto que a distinção entre escuta e processamento se torna decisiva. A escuta clínica, tal como compreendida na perspectiva fenomenológica, não se orienta pela identificação de padrões, mas pela sustentação de uma abertura ao que se mostra, inclusive em sua indeterminação. Trata-se de uma presença que envolve sensibilidade e disponibilidade para aquilo que ainda não se encontra formulado. Escutar é mais do que ouvir, é manter abertura ao atravessamento que o encontro entre existências pode provocar. Para que a escuta aconteça, é necessário deixar-se afetar. Já os sistemas de inteligência artificial operam por meio de reconhecimento, associação e produção de respostas, estruturados a partir de dados previamente disponíveis – podem parecer acolhedores, mas não são passíveis de afetação.

A diferença entre esses dois modos de relação não se estabelece em termos de grau, mas de orientação. Enquanto a escuta clínica sustenta a abertura ao não sabido e à emergência do sentido, a interlocução simulada opera no sentido de tornar o dito inteligível dentro de categorias previamente estruturadas. Essa diferença não implica a recusa da técnica, mas exige uma atenção rigorosa aos modos como ela reconfigura o campo do cuidado. Para que a relação terapêutica aconteça, é preciso que haja entrega de ambas as partes ao processo, para que o vínculo de confiança seja construído passo a passo. É um encontro que exige coragem, pois essa confiança se tece sobre um terreno de vulnerabilidade existencial que funda toda e qualquer existência, e faz com que as trocas entre humanos aconteçam. Como expor vulnerabilidade quando o outro lado não compartilha dessa condição?

É nesse ponto que a reflexão heideggeriana exige ser levada às últimas consequências. O perigo da técnica não consiste apenas em sua expansão, mas em sua capacidade de se naturalizar, tornando-se o horizonte não questionado a partir do qual tudo passa a ser compreendido. Quando isso ocorre, a própria pergunta pelo ser se empobrece, cedendo lugar à busca por eficiência, controle e previsibilidade (GA 7: 5–36; Heidegger, 2007).

No entanto, Heidegger não propõe uma simples recusa da técnica. Ao contrário, sua reflexão abre a possibilidade de uma relação que não se deixe capturar integralmente por esse modo de desvelamento. É nesse horizonte que emerge a noção de serenidade. Longe

de indicar uma postura de distanciamento ou indiferença, trata-se de uma disposição que permite habitar o mundo técnico sem reduzir-se a ele. Dizer sim à técnica, na medida em que ela constitui o mundo contemporâneo; dizer não, na medida em que se recusa a deixar que ela determine integralmente o modo de relação com o que nos cerca (GA 7: 5–36; Heidegger, 2007).

Dessa forma, a questão não se coloca em termos de substituição ou rejeição da inteligência artificial, mas na necessidade de compreender os modos pelos quais ela participa da reconfiguração contemporânea do cuidado. O desafio consiste em sustentar, no interior de um mundo cada vez mais mediado por dispositivos técnicos, a possibilidade de uma escuta que não se deixe reduzir à lógica do processamento, mantendo aberta a dimensão do existir humano em sua complexidade e indeterminação.

7. Considerações finais

O percurso desenvolvido neste trabalho partiu de uma cena limite. A fala de G.H., tomada em sua radicalidade e deslocada para um contexto de psicoterapia, não se oferece como relato convencional, mas como experiência que desestabiliza as formas sedimentadas de reconhecimento. Não há, ali, um sentido pronto a ser extraído, nem uma narrativa passível de integração. O que se apresenta é, antes, uma exposição ao que escapa, ao que ainda não encontrou lugar, ao que insiste em permanecer como indeterminado: um abismo.

Retomar essa cena ao final não é um recurso retórico, mas uma exigência do próprio problema. Pois é precisamente diante de experiências como essa que a questão da inteligência artificial no campo clínico se torna mais aguda. O que está em jogo não é apenas a capacidade de responder, de organizar ou de oferecer sentido, mas a possibilidade de sustentar aquilo que não se deixa apreender.

Nos *Seminários de Zollikon*, Heidegger, em diálogo com Medard Boss, insiste na necessidade de resguardar a compreensão do existir humano para além de sua redução a objeto de investigação científica, que não seja antecipadamente determinado por esquemas que o tornem plenamente inteligível. A clínica, nesse sentido, é um reduto de salvaguarda que atualiza as reflexões de Heidegger e Boss, e as acentua diuturnamente.

É nesse horizonte que a presença contemporânea da inteligência artificial na clínica adquire sua densidade própria. Ao operar a partir de estruturas de reconhecimento e organização da experiência, tais sistemas se inscrevem em uma lógica que Heidegger já apontava como problemática: a tendência de tomar o existir humano como algo que pode

ser integralmente apreendido, classificado e manipulado. O que se observa não é uma ruptura, mas uma intensificação dessa orientação.

Essa constatação, no entanto, não conduz a uma simples rejeição desses dispositivos. Como indicado pela leitura heideggeriana da técnica, o problema não reside na presença da técnica, mas no risco de que ela se torne o horizonte exclusivo de compreensão da existência.

É nesse ponto que a clínica se vê convocada a uma posição que não pode ser delegada a nenhum dispositivo. A escuta, tal como aqui compreendida, não se reduz a um procedimento, nem a uma competência que possa ser simulada. Trata-se de uma disponibilidade para o que ainda não é, para o que acontece no próprio encontro, para o que não pode ser antecipado. Sustentar essa abertura implica suportar a instabilidade, a hesitação e, muitas vezes, a ausência de sentido imediato.

Diante disso, a questão da inteligência artificial na clínica não se coloca em termos de substituição, mas de discernimento. Não se trata de decidir entre aceitar ou recusar a técnica, mas de sustentar uma relação que não se deixe capturar integralmente por ela. A noção de serenidade, tal como proposta por Heidegger, aponta justamente para essa possibilidade: habitar o mundo técnico sem reduzir-se a ele, dizer sim àquilo que ele torna possível, sem abdicar daquilo que nele permanece irredutível.

Tal posição exige, no entanto, uma vigilância constante. Pois o risco não se manifesta apenas nos dispositivos, mas no modo como passamos a nos relacionar com a experiência. Quando o sofrimento é imediatamente reconduzido ao que pode ser reconhecido, quando a palavra é rapidamente traduzida em categoria, quando a escuta cede lugar à resposta, algo do existir humano se perde — não por erro, mas por procedimento.

Voltar a G.H., nesse contexto, é também retornar àquilo que, em *Zollikon*, se buscava preservar: a possibilidade de que o existir humano se mostre para além das categorias que pretendem explicá-lo. É lembrar que há experiências que não pedem organização, mas sustentação; não pedem resposta, mas presença. É nesse espaço, frágil e exigente, que a clínica se mantém como prática ética. Não porque recuse a técnica, mas porque se recusa a deixar que ela determine, sozinha, o modo como o existir humano pode aparecer.

Referências bibliográficas

American Psychological Association. (2025). *Psychologists' concerns about AI use in mental health care*. https://www.apa.org/news/press/releases/2025/12/psychologists-ai-use-concerns

Brasil. (2018). *Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais*. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm

Brown University. (2025). *AI and mental health ethics*. https://www.brown.edu/news/2025-10-21/ai-mental-health-ethics

Conselho Federal de Psicologia. (2023). *Posicionamento sobre o uso da inteligência artificial na prática psicológica*. https://site.cfp.org.br/cfp-divulga-posicionamento-sobre-inteligencia-artificial-no-contexto-da-pratica-psicologica/

Heidegger, M. (2000/1959). *Serenidade* (Tr. M.M. Andrade & O. Santos). Instituto Piaget

Heidegger, M. (2000). *Vorträge und Aufsätze (1936–1953)*. GA 7. Vittorio Klostermann.

Heidegger, M. (2007/1954). A questão da técnica (Tr. M.A. Werle). *Scientiae Studia*, 5(3), 375–398. https://doi.org/10.1590/S1678-31662007000300006

Heidegger, M. (2017). *Zollikoner Seminare* (1959-1966). GA 89. Klostermann.

Heidegger, M. (2021). *Seminários de Zollikon: Protocolos, diálogos, cartas* (Tr. M.A. Casanova). Via Verita.

Jornal da USP. (2023). *Inteligência artificial utiliza base de dados que refletem preconceitos e desigualdades*. https://jornal.usp.br/atualidades/inteligencia-artificial-utiliza-base-de-dados-que-refletem-preconceitos-e-desigualdades/

Lispector, C. (1998). *A paixão segundo G.H.* Rocco.

Mourão, M. (2024, September 28). 1 em cada 10 brasileiros faz terapia com chatbots. E isso é um problema. *Superinteressante*. https://super.abril.com.br/comportamento/1-em-cada-10-brasileiros-faz-terapia-com-chatbots-e-isso-e-um-problema/

Romero, M., Casadevante, C., & Montoro, H. (2020). Cómo construir un psicólogo-chatbot. *Papeles del Psicólogo*, 41(1), 27–34. https://doi.org/10.23923/pap.psicol2020.2920

Santodomingo, R. (2025, January 21). Mi "psico" es un robot: la IA emerge como alternativa para problemas de salud mental. *El País.* https://elpais.com/tecnologia/2025-01-21/mi-psico-es-un-robot-la-ia-emerge-como-alternativa-para-problemas-de-salud-mental.html

Sotelo-Martín, J.-A. (2025). Psicoterapia e inteligencia artificial: Diálogos clínicos potenciados por algoritmos artificiales para humanizar el cuidado emocional. *Revista Latinoamericana de Difusión Científica*, 7(13), 138–161. https://doi.org/10.5281/zenodo.15843790

Stanford Institute for Human-Centered Artificial Intelligence. (2024). *Exploring the dangers of AI in mental health care*. https://hai.stanford.edu/news/exploring-the-dangers-of-ai-in-mental-health-care

Zanquetta, B., Oliveira, M. V. M., Oliveira, L. R., Cintra, M. E., & Fernandes, A. F. C. (2024). Avaliação de assistentes virtuais baseados em inteligência artificial para simulações de atendimento psicológico. *Anais do ERIES – Encontro Regional de Informática na Educação*. Sociedade Brasileira de Computação. https://sol.sbc.org.br/index.php/eries/article/view/31606